

A HERANÇA SEMÂNTICA NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS: UMA ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES MORFOLÓGICAS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS

SEMANTIC INHERITANCE IN WORD FORMATION:
AN ANALYSIS OF MORPHOLOGICAL CONSTRUCTIONS
FROM ROMANCE LANGUAGES

Natival Almeida Simões Neto¹
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGLEV – Pós-doc

Resumo: Este artigo discute o fenômeno da herança semântica na formação de palavras, ressaltando a sua importância, sobretudo para a abordagem de construções cujos significados não são obtidos de maneira composicional. Ou seja, o significado global não é a soma das partes envolvidas nas construções. Seguindo os princípios teóricos da Linguística Cognitiva, o artigo analisa como a metáfora, a metonímia, a focalização e a compressão podem atuar na rede de significados de palavras morfologicamente complexas. Os dados analisados são oriundos da tese de doutorado de Simões Neto (2020), que trabalhou com o desenvolvimento do sufixo latino *-arius, -a, -um* no próprio latim e em sete línguas românicas (romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português). Ao final, o artigo mostra que os padrões de focalização, metáfora e metonímia são produtivos em todas essas línguas, notando-se muito mais semelhanças do que diferenças.

Palavras-Chave: Derivação sufixal; Línguas românicas; Metáfora; Metonímia; Interface morfologia-semântica.

¹ nativalneto@gmail.com

Abstract: *The present article discusses the semantic inheritance phenomenon in relation to word formation, highlighting its importance, especially to the constructional approach, whose meanings are not obtained in a compositional manner. That is, the global meaning is not the sum of the parts involved in the construction. Following the theoretical principles of Cognitive Linguistics, the article analyzes how metaphor, metonymy, focalization, and compression can act on the meaning network of morphologically complex words. The analyzed data come from the Simões Neto's doctoral thesis (2020), who worked with the development of the Latin suffix -arius, -a, -um in Latin itself and seven Romance languages (Romanian, Italian, French, Catalan, Spanish, Galician and Portuguese). In the end, the article shows that patterns of focus, metaphor, and metonymy are productive in all of these languages, in such a way that it is possible to perceive a lot more similarities than differences.*

Keywords: *Suffix derivation; Romance languages; Metaphor; Metonymy; Morphology-Semantics Interface.*

PALAVRAS INICIAIS

Nos estudos linguísticos, a interface entre morfologia e semântica começou a ser explorada, de maneira sistemática, a partir da publicação do artigo “Morphological and semantic regularities in the lexicon”, de Jackendoff (1975), dentro de um paradigma gerativo. Esse texto deu base para novas formulações teóricas de orientação gerativista que integram morfologia e semântica, tais como Bauer (1983), Booij (1986) e Corbin (1987; 1990), a nível internacional, e Basílio (1980; 1987), Sandmann (1997a; 1997b) e Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), a nível nacional.

Na Linguística Cognitiva, teoria que surgiu como uma dissidência do modelo gerativista, a semântica ganhou ainda mais espaço, sendo tomada como o aspecto central das análises linguísticas. Assim, nesse quadro, alguns princípios são: a) a linguagem é um sistema de conceptualização e categorização (LAKOFF E JOHNSON, 2002; LAKOFF, 1987); b) metáfora e metonímia são mecanismos de pensamento que são recorrentes na linguagem ordinária, não sendo, portanto, adornos literários ou figuras de linguagem (LAKOFF E JOHNSON, 2002; LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2010); c) a língua é uma rede de construções e não distingue gramática e léxico (GOLDBERG, 1995; 2006; BOOIJ, 2010; 2017); d) a gramática das línguas é semanticamente motivada (LANGACKER, 2013); e) as

estruturas gramaticais (lexicais, morfológicas e sintáticas) são estruturas simbólicas que refletem padrões de pensamento (BASÍLIO, 2010); f) a formação de palavras é um fenômeno de ordem semântica que repercute morfológicamente, não o contrário (SOUZA, 2016).

O artigo que ora se apresenta se alinha com os já mencionados princípios da Linguística Cognitiva e visa a discutir questões de composicionalidade e herança semântica na formação de palavras, mostrando como a metáfora, a metonímia, a focalização e outros mecanismos de conceptualização podem repercutir em construções morfológicas do latim e de sete línguas românicas, a saber: romeno, italiano, francês, catalão, espanhol, galego e português.

Os dados abordados neste trabalho foram analisados anteriormente na tese de Simões Neto (2020), que se voltou à difusão do sufixo latino *-arius, -a, -um* nas já mencionadas sete línguas neolatinas. A análise proposta se ampara nos registros de dicionários monolíngues, bilíngues e trilíngues das línguas analisadas. Dessa forma, os significados discutidos no artigo são oriundos das fontes. A título de esclarecimento, no Quadro 1, são listados os dicionários consultados para cada língua:

Quadro 1: Lista de dicionários selecionados para levantamento

Línguas	Dicionários escolhidos
Latim clássico	Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1995) Dicionário Latim-Português, da Editora Porto (2012) Dictionnaire latin-français, de Gaffiot (1934)
Latim medieval	Mediae Latinitatis Lexicon Minus, de Jan Niermejer (1976)
Romeno	Dicionário Romeno-Português, de Buescu (197+-7) DEXONLINE - Dicționar ale limbii române
Italiano	Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana, de Zingarelli (2007)
Francês	Le Nouveau Petit Robert 2014 (2013)
Catalão	Diccionari de la llengua catalana (2007) ²
Espanhol	Diccionario de la lengua española ³ , da Real Academia Española
Galego	Diccionario da Real Academia Galega ⁴
Português	Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2009)

Fonte: Elaboração do autor.

Feitas essas considerações iniciais, o artigo se organiza da seguinte maneira: a) a seção 1 apresenta diferentes abordagens do conceito de herança; b) a seção 2 conceitua alguns mecanismos de conceptualização explorados na Linguística Cognitiva, sempre com exemplos atinentes ao léxico; c) a seção 3 analisa construções morfológicas do latim e de línguas românicas, a partir dos dados da tese de Simões Neto (2020); d) a última seção traz as considerações finais, seguida das referências.

² Disponível em <http://dlc.iec.cat/>.

³ Disponível em <https://dle.rae.es/>.

⁴ Disponível em <http://academia.gal/diccionario>.

1 TRÊS ABORDAGENS DA HERANÇA SEMÂNTICA NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS⁵

O termo “herança” pode remeter a vários significados nos estudos linguísticos, a depender do quadro teórico-metodológico considerado. Nos estudos morfológicos, a *herança* está relacionada a um conjunto de propriedades fonológicas, morfossintáticas e semânticas herdadas por palavras complexas.

A identificação das propriedades herdadas ajuda na compreensão de aspectos relacionados à motivação nas construções morfológicas. Discussões sobre características semânticas herdadas por palavras complexas foram feitas por Corbin (1990), Booij (2017) e Soledade (2018). As análises desses autores, embora feitas em diferentes quadros teóricos, acabam se complementando para o tratamento da questão, que é fundamental para a abordagem de palavras complexas cujos significados não são obtidos de maneira composicional.

Corbin (1990), dentro de um paradigma gerativista, defende um componente lexical associativo e estratificado. Com isso, a autora ressalta a importância de se investigar a interpretação semântica das palavras construídas⁶. Nesse sentido, Corbin (1990) distingue dois tipos de significado: o Significado Atestado (SA) e o Significado Previsível (SP).

O SA é o significado de uma palavra tal como se atesta nos dicionários da língua contemporânea, enquanto o SP é o significado formulado a partir da operação semântica atinente à regra morfológica que gera a palavra, ou seja, é aquele significado que a palavra herda previsivelmente da regra derivacional que a gera.

⁵ Uma discussão mais alongada dessa questão é apresentada em Simões Neto (2018), em texto que discute a noção de herança e a aplica a compostos com *síndrome* e *complexo* no português brasileiro.

⁶ Cabe mencionar que o termo “palavra construída”, usado por Corbin (1990), embora seja passível de diálogo com a Morfologia Construcional, de Booij (2010), está inserido em um paradigma gerativista lexicalista, não se relacionando com a Gramática de Construções.

O SP, segundo Corbin (1990), pode ser de dois tipos: o significado previsível construído pela regra (SPCR) e o significado previsível herdado da base (SPHB). O SPCR é o significado comum a todas as palavras construídas a partir de uma mesma regra de formação, sem levar em conta a caracterização semântica das bases e os procedimentos morfológicos envolvidos. Por exemplo, “carteiro”, “leiteiro”, “açougueiro” e “lixeiro” herdam da regra derivativa [S-eiro]s o significado de agente profissional.

O SPHB, por sua vez, é o significado comum a todos os produtos de uma regra de construção de palavras construídas sobre bases do mesmo tipo semântico, representando, portanto, uma especificação do SPCR diante das condições semânticas da base. Por exemplo, na regra [S-oso]_A, as palavras “oleoso”, “gorduroso”, “seboso”, “leitoso” herdam da regra o significado “que tem X(base)”. Esse significado da regra é herdado também por palavras, como “canceroso” e “leproso”. Porém, quando se caracterizam semanticamente as bases dessas duas últimas formações, vê-se que são designações de doenças (câncer e lepra). A herança desses significados das bases permite depreender um SPHB, que é algo como “que sofre de X (base)”. Esse segundo significado só se torna possível quando se considera o impacto que os significados das bases têm sobre as palavras derivadas. Assim, pode-se dizer que a noção de herança em Corbin (1990) está associada a duas dimensões: a da regra e a da base.

Booij (2017) discute a noção de herança no âmbito da Morfologia Construcional, destacando dois tipos de herança: a *herança padrão* e a *múltipla herança*. No primeiro tipo, a palavra complexa herda do esquema as informações fonológicas, morfológicas e semânticas. No segundo, admite-se que a palavra complexa herda informações semânticas de outras fontes como, por exemplo, o *input* (base). Os dois tipos de herança previstos por Booij (2017) são praticamente os mesmos identificados por Corbin (1990). Ou seja, são novos termos para conceitos anteriormente discutidos.

Para explicar o entendimento de Booij (2017) sobre a herança, seja tomado o agente deverbal *cobrador*, a partir do verbo *cobrar*. A palavra derivada *cobrador* pode ser considerada uma realização de um esquema, como o seguinte: “<[X_{vi} -dor]_{Nj} [↔] [PROFISSIONAL que SEM_{vi}]_{Nj}>”. O significado genérico “profissional que realiza a ação expressa pela base verbal” é herdado do esquema, logo, é um caso de herança padrão⁷. O significado mais específico, “profissional que cobra/trabalha com cobrança”, só se torna previsível quando se considera a informação semântica da base, havendo, portanto, uma múltipla herança.

A herança da informação semântica do *input* pode demandar subespecificações nos esquemas construcionais morfológicos. Um exemplo disso é dado pelo próprio Booij (2017), quando trata da variação categorial em esquemas de diminutivos do holandês. Ainda que esses derivados sejam, em sua maioria, denominais, podem ocasionalmente derivar de outras categorias, como verbos, advérbios, numerais, pronomes, sintagmas nominais e sintagmas preposicionados.

Diante dessa variação categorial, Booij (2017) sugere que os significados de tais nomes diminutivos não podem ser previstos somente pela informação semântica do esquema que os instancia, dependendo, então, da informação semântica dos *inputs*. Assim, a depender do significado da base, o significado do produto pode ir além do que é previsto no esquema.

Por último, Soledade (2018), em um paradigma que associa a Morfologia Construcional com outras teorias da Semântica Cognitiva, retoma as discussões de Corbin (1990) e Booij (2017) e aborda a questão da herança, com base nas construções [X_s-udo]_A do português. Soledade (2018) mostra que, nessas construções, há um significado previsível pelo esquema, como “que tem X (base) proeminente”. Exemplos são: *orelhudo*, *barrigudo*, *bundudo*, *narigudo*, *peitudo*,

⁷ Ou um significado previsível construído pela regra, conforme Corbin (1990).

pernudo, *bocado*, entre outros. Esse significado, no entanto, não é admissível para formações, como *abelhudo*, *carrancudo*, *varudo* e *taludo*, uma vez que não há compatibilidade entre o significado do esquema e o significado da base. Assim, é preciso considerar que em *abelhudo*, “curioso, intrometido”, o significado da base *abelha* não só é herdado pela palavra derivada, como é herdado metaforicamente. Pode-se dizer o mesmo de *sapudo* “baixo e gordo”, em que a base *sapo* é tomada metaforicamente.

A palavra *cabeçudo* é polissêmica, podendo caracterizar alguém “que tem cabeça grande” ou “que é muito inteligente; teimoso”. Essa polissemia está prevista na própria cabeça, que pode significar “extremidade do corpo” ou, metaforicamente, “sede da inteligência ou da razão”. O comportamento polissêmico da base incide diretamente na palavra derivada.

A contribuição principal de Soledade (2018) para o debate sobre a herança semântica da base é mostrar que essa herança acontece de maneira relacionada com mecanismos básicos de conceptualização, tais como a metáfora, a metonímia, a focalização, entre outros.

Em linhas gerais, quando se comparam as propostas de Corbin (1990), Booij (2017) e Soledade (2018), notam-se mais convergências do que divergências. A discussão acerca da herança, em qualquer paradigma teórico, se mostra fundamental para o debate acerca da interface entre morfologia e semântica, sobretudo quando o significado não é abordado de maneira totalmente composicional. A demanda existe. No entanto, há uma carência de abordagens que tratem desse processo relevantemente.

2 OPERAÇÕES DE CONCEPTUALIZAÇÃO NO LÉXICO: COMO A SEMÂNTICA PODE REPERCUTIR NA MORFOLOGIA

Nesta subseção, abordam-se as operações de conceptualização que podem atuar nos processos de herança semântica das bases e impactar diretamente no

significado de palavras complexas. Nortearão a explanação as reflexões de Botelho (2004), Castro da Silva (2012), Lopes (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2016; 2018; 2020). Serão abordadas quatro operações: focalização, metáfora, metonímia e compressão.

2.1 Focalização

A focalização é um conceito amplamente discutido nos trabalhos de Langacker (1987; 2013), tendo sido também abordado por Castro da Silva (2012). A focalização, ou ajuste focal, se relaciona com projeções de figura-fundo acionadas pelo falante e diz respeito à capacidade que ele tem de selecionar elementos específicos de uma cena para compreendê-la como um todo. Ao se colocarem certos elementos em maior evidência (figura) e outros em menor destaque (fundo), pode haver diferentes conceptualizações acerca de um mesmo evento.

As diferenças conceptuais podem se materializar por meio de variadas organizações sintático-estruturais, uso de itens parassinônimos ou, ainda, contraste entre elementos antonímicos. Para explicar essas possibilidades, sejam observadas as sentenças (a) e (b), extraídas de *sites* jornalísticos do Brasil e da página brasileira “Caneta Desmanipuladora”, no Facebook⁸:

- a) Cor é *indiferente* para *quase 50%* na fila de adoção (SITE G1, 2017 apud SALA DE NOTÍCIA, 2017, grifos nossos).
- b) Cor é *determinante* para *mais de 50%* na fila de adoção (CANETA DESMANIPULADORA, 2018, grifos nossos).

As sentenças (a) e (b) dizem respeito aos mesmos eventos que, porém, são conceptualizados por perspectivas diferentes. Há uma oposição quase sistemática entre os adjetivos *indiferente* e *determinante* e as expressões *quase 50%* e *mais de 50%*. As duas organizações fazem referência a como a cor da criança é

⁸ Tais exemplos foram também apresentados por Simões Neto (2020).

relevante para potenciais adotantes. Porém, em (a), a evidência do adjetivo *indiferente* entra em cena, mobilizando uma compreensão do evento que se distancia da norma, que tem sido a cor ser *determinante* nesses processos, como se mostra em (b).

Com relação à formação de palavras, seja usado um exemplo de Castro da Silva (2012), que contrasta as palavras derivadas *carcereiro* e *prisioneiro*. O autor explica que, embora sejam derivadas com um mesmo formativo (-eiro), a partir de bases potencialmente sinonímicas (*cárcere* e *prisão*), os significados dessas palavras complexas apontam para referentes opostos em uma mesma cena. Esse contraste, além de apontar que o significado não pode ser interpretado composicionalmente, mostra que uma mesma cena pode ser compreendida a partir de perspectivas diferentes. Em *prisioneiro*, o foco está em quem está dentro do lugar, ao passo que, em *carcereiro*, o foco está em quem está fora. Esse contraste pode soar, em alguma medida, óbvio, mas é recorrente e produtivo.

Nessa mesma linha, Simões Neto (2016) contrastou as palavras latinas *aquārīus* e *utrārīus*, ambas utilizadas para designar o *aguadeiro*, “pessoa responsável por transportar a água”:

Em *aquārīus*, a base é *aqua* (água) e, em *utrārīus*, tem-se *uter* (odre: recipiente feito de pele de animal para transportar líquidos), como base. Note-se que, em uma formação, toma-se o líquido transportado como base, ao passo que a outra toma o recipiente, daí o ajuste focal é compreendido por uma metonímia CONTINENTE/CONTEÚDO, em que *aquārīus* parte do conteúdo, e *utrārīus*, do continente (SIMÕES NETO, 2016, p. 203).

Em situação analogamente inversa, há, no par apresentado por Simões Neto (2016), duas bases, *uter* e *aqua*, que remetem a elementos diferentes da cena. Contudo, elas são utilizadas para formar palavras distintas para um mesmo referente. A diferença entre *aquārīus* e *utrārīus* se dá, sobretudo, por uma questão de focalização.

2.2 Metáfora

Na Linguística Cognitiva, a metáfora, *grosso modo*, pode ser definida como um mecanismo de compreensão em que tomamos um conceito em termos do outro. Os estudos sobre polissemia têm mostrado que a metáfora é também um mecanismo produtivo na extensão de significados de palavras e padrões construcionais. Um desses trabalhos é o de Álvaro (2009)⁹, sobre a polissemia da preposição *até*.

Realizações vistas no trabalho de Álvaro (2009, p. 116, grifos da autora) estão reproduzidas a seguir:

- c) Eliana viaja *até* Juiz de Fora, sempre.
- d) Seu pai volta *até* domingo.
- e) Edu ganha *até* R\$ 3.000,00 nesses trabalhos.
- f) *Até* juízes reconhecem que a demora é o principal fator de impunidade.

Sobre as sentenças de (c) a (f), Álvaro (2009) sugere que elas sejam construções relacionadas por ligações de herança que acionam os padrões metafóricos. Entre (c) e (d), nota-se o padrão metafórico ESPAÇO/TEMPO, enquanto entre (e) e (f), há o padrão QUANTIDADE/QUALIDADE.

Com relação à formação de palavras, Simões Neto (2016) utilizou os exemplos do português arcaico *dereitoreira* e *torticeyros* como formações que parecem acionar metáforas orientacionais, relacionadas a experiências corpóreas e espaciais. Em *dereitoreira*, aparece a compreensão do lado direito como algo correto. Sobre isso:

Helena de Oliveira (1987) explica a história dessa concepção, partindo de uma das teorias mais difundidas e aceitas: a ideia de que os primeiros habitantes do Hemisfério Norte eram adoradores do Sol, que, lá, parece se mover em sentido horário, para a direita. Na sequência, a autora, menciona os budistas, que seguem sempre à direita, ao saírem para meditar. Para os muçulmanos, Deus tem duas mãos direitas. No Antigo Testamento bíblico, conta-se que Eva se originou da costela esquerda de Adão, o que gerou o

⁹ Esse estudo foi também retomado por Castro da Silva (2012).

entendimento cristão do lado esquerdo como o lado do pecado. Na Idade Média, a mão esquerda é concebida como a mão da sujeira. Enfim, muitas são as vias interpretativas para explicar a concepção do lado direito como o lado correto, e uma dessas deve ter sido comprimida na formação de *dereitoreira* (SIMÕES NETO, 2016, p. 211, grifos do autor).

Em *torticeyros*, a metáfora orientacional surge quando se nota que tal palavra está na mesma família do adjetivo *torto*, não raramente usado para designar algo indevido. O *torticeyro*, ao contrário da *dereitoreira*, se refere a algo injusto ou incorreto. Aparentemente, partiu-se da experiência física da postura torta para se analisar um fato de enquadramento moral.

Em trabalho sobre compostos com *síndrome* e *complexo* no português brasileiro contemporâneo, Simões Neto (2018) analisou a construção *síndrome de cirurgião*, extraída do contexto “Gente assim deve ter ‘síndrome de cirurgião’: quer meter a mão nas partes internas interiores dos recônditos + profundos da condição humana”.

Nesse contexto, os falantes discutiam sobre a prática sexual *fist-fucking*, em que uma pessoa insere a mão ou o punho no ânus ou na vagina da outra. Nesse caso, a prática foi conceptualizada como um ato cirúrgico e a pessoa praticante ativa – aquela que penetra a mão ou o punho – foi conceptualizada metaforicamente como um cirurgião.

2.3 Metonímia

A metonímia, mecanismo em que se compreende o todo com base em uma parte, parece ser a mais básica de todas as operações. Castro da Silva (2012), ao analisar a forma como a metonímia pode atuar no léxico, utiliza dados extraídos de Gonçalves et al. (2009, p. 148, grifos dos autores), sobre o sufixo *-ão*. Tais dados estão reproduzidos a seguir, com grifos nossos:

- g) E o único *copão* de refrigerante está inacessível.
- h) Meteu a mão no bolso e tirou o *carteirão* de dinheiro.

i) Bateu um *prato*.

Acerca dessas realizações, Castro da Silva (2012) destaca a recorrência da metonímia CONTINENTE/CONTEÚDO e retoma as conclusões de Gonçalves et al. (2009), explicando que o uso do aumentativo não está relacionado à dimensão dos objetos continentes *copo*, *carteira* e *prato*, tomados como bases. Nos contextos, o aumentativo relaciona-se aos conteúdos *refrigerante*, *dinheiro* e *comida*, respectivamente.

Aspectos metonímicos foram também vistos por Simões Neto (2018, p. 3389) nos compostos com *síndrome* e *complexo*. Alguns exemplos vistos foram:

- j) Conversar com pessoas que têm *síndrome de antibiótico* te responde de 8 em 8 horas.
- k) *Síndrome de Luciano Huck*: Gabeira apaga fotos com os amigos do MBL.

Em (j), o *antibiótico* é tomado metonimicamente a partir da sua posologia, uma vez que vários medicamentos são ingeridos de oito em oito horas. Em (k), *Luciano Huck* é tomado metonimicamente por uma ação específica, que remete ao episódio em que esse comunicador apagou as suas fotos com o seu, até então, amigo, senador Aécio Neves, após este ser denunciado em um escândalo de corrupção.

2.4 Compressão

O fenômeno de compressão nas construções morfológicas é abordado por Botelho (2004), que aplica a base teórica do sociocognitivismo (SALOMÃO, 2003) às construções X-eiro no português brasileiro. Com base em dados de uso, a autora explica que, na criação de palavras derivadas, uma base pode comprimir todo um evento, que nem sempre é recuperado, quando se adota uma leitura composicional do significado. Exemplos da autora são as palavras *mochileiro* e *sacoleira*.

Uma análise composicional de *mochileiro* e *sacoleira* pode sugerir que se trata de pessoas que fazem ou comercializam mochilas ou sacolas, respectivamente. Isso se justifica pelo fato de, recorrentemente, as construções X-eiro designarem indivíduos com essas características. No entanto, os significados dessas palavras derivadas, ainda que caracterizem agentes, pouco têm a ver com esse significado genérico de profissional.

Em *mochileiro*, a base *mochila*, que integra o *frame* da viagem, comprime parte significativa da experiência com esse evento, o que faz com que o *mochileiro* seja aquela pessoa que viaja bastante, com pouco dinheiro e com espírito aventureiro. Da mesma maneira, em *sacoleira*, a *sacola*, que integra o *frame* de transações comerciais populares, resume parte da experiência das pessoas que vendem muambas e mercadorias com preços baixos, como bijuterias, roupas e produtos eletrônicos. Então, no processo derivativo, as bases *mochila* e *sacola* comprimem todo um evento cognitivo que somente um modelo teórico, baseado na experiência sociocultural e cotidiana, consegue dar conta. Um desses modelos é o da Linguística Cognitiva, explorado neste artigo.

Com essas análises, Botelho (2004) sugere que a formação de palavras pode esconder “historinhas” que não são visíveis em uma análise pautada apenas na forma. Lopes (2016) retoma esse trabalho e aplica esse formato de análise às palavras prefixadas no português arcaico. No entendimento desse autor, algumas construções prefixais

[...] se destacam pela força dessa capacidade de compressão semântica dos prefixos, de tal modo que uma simples palavra, formada por um item prefixal associado a uma base léxica, compacta em si uma espécie de micronarrativa, que é mais completa e específica que a paráfrase em geral apontada para a dita formação. O prefixo *com-* serve muito bem para exemplificar essa hipótese. Ao se verificar a etimologia e o percurso diacrônico do verbo concordar, constata-se que é fruto de um processo parassintético *lato sensu* (*cum-* + *cord(is)* + vogal temática verbal + morfemas flexivos verbais), apresentando o significado de ‘pôr-se ou estar de acordo’. Esse significado mais geral e mais abstrato parece originar-se, metonímica ou metaforicamente, da micronarrativa original (etimológica) que a

formação parece ter contido: ‘ter o coração com o outro; estar com o coração lado a lado do outro; pôr o coração próximo ao do outro’ (LOPES, 2016, p. 244).

Lopes (2016) observa que, mesmo nas construções em que os prefixos não possam ser sincronicamente apreendidos, a pesquisa diacrônica pode ajudar a construir uma *micronarrativa* – termo utilizado pelo autor no lugar de *historinha*, utilizado por Botelho (2004) –, em que se pode perceber a cena comprimida.

A partir de dados, como *enveja*, que veio do latim *invidĭa*, com o significado inicial de “olhar insistente para algo ou alguém” e passou a significar “desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade *alheia*”, ou ainda, *enpeecer*, que tem provável origem no latim **impediĭscere*, com significado inicial “não deixar andar com os seus pés”, que passou a “dificultar ou tornar impraticável determinada ação”, Lopes (2016) sugere que muitas formações prefixais do português arcaico têm sua motivação a partir de situações concretas, relacionadas à experiência corpórea, assumindo, posteriormente, significados mais genéricos, por meio de percursos de extensão metafórica e/ou metonímica.

Foi com base nesse trabalho de Lopes (2016) que Simões Neto (2016) dedicou uma seção da sua dissertação à análise dos dados de X-eir- no português arcaico, a partir de micronarrativas comprimidas. Nessas narrativas descritas por Simões Neto (2016), observa-se recorrentemente a saliência do aspecto metonímico. Nesse sentido, não há um ponto substancial que diferencie o fenômeno da compressão do ajuste focal. Parece apenas que são fenômenos similares vistos a partir de constructos teóricos diferentes, uma vez que o ajuste focal advém da gramática de Langacker (1987), enquanto a compressão é proposta no âmbito do sociocognitivismo de Salomão (2003).

3 DADOS DE LÍNGUAS ROMÂNICAS

Nesta seção, são apresentadas análises de palavras derivadas em latim e em línguas românicas. São destacados os aspectos relacionados à herança semântica e às operações de conceptualização atinentes às construções morfológicas selecionadas.

Os dados fazem parte do *corpus* da tese de Simões Neto (2020), que se voltou à difusão do sufixo *-arius, -a, -um* no latim e em sete línguas românicas. Assim, além de palavras formadas com *-arius, -a, -um*, no latim clássico e no latim medieval, são consideradas aquelas formadas com os seguintes sufixos correspondentes: romeno (*-ar-*), italiano (*-ai-*), francês (*-ier-*), catalão (*-er-*), espanhol (*-er-*), galego (*-eir-*) e português (*-eir-*).

Para cada língua, foram selecionadas cinco ocorrências para serem comentadas. Vale lembrar que os dados foram extraídos de dicionários monolíngues, bilíngues e trilingues das línguas mencionadas, e os significados comentados tomam como base os significados atestados nessas fontes.

3.1 Latim clássico

Para o latim clássico, as palavras selecionadas foram: *carcerārīus, focārīa, mellārīum, orārīum* e *plagiārīus*.

A discussão acerca do par *prisioneiro* e *carcereiro* (mencionada na seção 2.1) reaparece na rede semântica da forma *carcerārīus*, que designava tanto o carcereiro quanto o prisioneiro. Uma mesma palavra, a depender do contexto de uso, apontava para referentes diferentes. A base *carcer* (cárcere) evoca toda a cena do encarceramento ou aprisionamento, em que há, pelo menos, dois participantes: a pessoa aprisionada/prisioneira/encarcerada e a encarceradora/carcereira. A variação de significados de *carcerārīus* se relaciona com a pessoa evidenciada na cena, caracterizando uma projeção figura-fundo. Para o significado de *prisioneiro*, a pessoa que está presa é figura, e quem prende

é fundo. Já para o significado de *carcereiro*, a pessoa que está presa é o fundo, e quem prende é a figura.

O caso de *focārīa*, designação para *cozinheira*, envolve uma projeção da base *fōcus* (fogo). A palavra *focārīa* aciona a cena da cozinha, focalizando um elemento dessa cena: o fogo. Veja-se que a definição de *focārīa* não é de “pessoa que mexe com fogo”, mas de uma pessoa cuja atividade envolve o elemento, mas não de maneira central. Um caso similar a esse acontece com *chameira*, dado que Simões Neto (2016) encontrou no português arcaico. A *chameira* era a mulher que levava o pão ao forno. A chama do forno, nesse caso, foi focalizada na construção.

A metonímia aparece no significado de *ōrārīum* (pano para limpar o rosto). A base dessa palavra derivada é *ōs*, *ōris* (boca). Diferentemente do que acontece com *pulseira*, *cotoveleira* e *joelheira*, que estão relacionadas diretamente a *pulso*, *cotovelo* e *joelho*, respectivamente, *ōrārīum* não era um “pano usado para limpar a boca”, que seria a definição ideal em termos composicionais. No momento em que a boca é selecionada como base para construção, parece haver uma projeção metonímica BOCA/FACE.

A palavra *mellārīum* também apresenta um processo metonímico. A forma *mellārīum* designa a colmeia, o lugar onde há abelhas ou, ainda, o aglomerado delas. No entanto, usa-se como base a palavra base *mel*, *mellis* (mel), não o equivalente a abelha, que poderia ser *apīcula* (abelha). A paráfrase composicional seria “lugar onde há mel”. De certo, a colmeia deve aglomerar mel, mas não é essa a ideia acessada no significado da palavra complexa construída. O que parece acontecer é um fluxo em que se toma o *mel* pela *abelha*, configurando uma metonímia do tipo PRODUTO/PRODUTOR.

A palavra *plagiārīus* tinha vários significados, sendo o inicial “aquele que rouba os escravos dos outros” ou “aquele que vende homens livres como escravos”. O entendimento de *plagiārīus* como plagiador, aquele que se apropria indevidamente do trabalho de outrem, também já estava no latim clássico, mas

parece ser um espriamento metafórico da experiência inicial. Quando se observa o desenvolvimento semântico da palavra *plagiārīus*, nota-se que a noção de plágio envolve, primeiramente, o roubo dos escravos alheios, decorrendo desse significado a concepção metafórica de roubo do trabalho alheio.

3.2 Latim medieval

Para o latim medieval, as palavras selecionadas foram: *dietarius*, *fornicaria*, *januarius*, *leporarius* e *librarius*.

O *dietarius*, no latim medieval, é o servo que cuida da mesa. Há de se destacar que a palavra *dieta*, usada como base, já tinha, no latim medieval, o significado de “conjunto de hábitos alimentares”. O significado de *dietarius*, composicionalmente, seria “servo que cuida da dieta dos senhores”. No entanto, o significado atestado de *dietarius* indica que o *frame* relacionado a essa ocupação focaliza a mesa, peça de mobiliário em que são servidas as refeições.

A forma *fornicaria* era uma designação para prostituta, mas também era utilizada para se referir a uma mulher adúltera. Há vários aspectos a ser comentados sobre essa palavra. O primeiro é o fato de a palavra designar tanto uma profissão quanto um hábito. Nesse ponto, cabe observar um segundo aspecto: o correspondente masculino *fornicarius* não apresenta um significado profissional, o que pode sugerir a baixa frequência de homens prostitutas na Idade Média¹⁰, como também a misoginia do discurso religioso, procurando condenar, com mais empenho, as práticas de mulheres.

¹⁰ Acerca da prostituição no período medieval, cabe reproduzir uma passagem de um capítulo do livro de Richards (1993), intitulado “Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média”. Esse autor explica que, na Idade Média, a prostituição “era vista como um meio prático de permitir que os jovens de todas as classes afirmassem sua masculinidade e aliviassem suas necessidades sexuais, enquanto evitava, ao mesmo tempo, que se aproximasse de esposas e filhas respeitáveis, desestimulando-os dos estupros em gangues e desencorajando-os em relação à homossexualidade”. (RICHARDS, 1993, p. 122). Ou seja, a prostituição era uma atividade que basicamente atendia às demandas dos homens por relações heterossexuais. Face à condenação da homossexualidade e à cobrança pelo vigor sexual dos homens, é de se imaginar que a prostituição era exercida no período medieval majoritariamente por mulheres.

Por último, sobre a construção da palavra *fornicaria*, retoma-se uma descrição de Soledade (2020, no prelo) sobre a palavra *fornigador*, vista em textos do português arcaico:

Segundo historiadores e etimólogos, o verbo *fornicare* teria sido formado no século III d.C, com base no nome *fornix, icis* ‘abóbada, arco’. Assim, a relação de sentido entre a base nominal e o verbo será enviesada por um aspecto cultural relevante, uma vez que as prostitutas romanas costumavam se posicionar para fora das casas, sob os arcos ou abóbadas dessas entradas, assim uma referência a um local relacionado à prática da prostituição dará base para a formação de um verbo designador da ação (SOLEDADE, 2020, no prelo).

Como comentou Soledade (2020, no prelo), não é raro que palavras que designam lugares de trabalho ou de realização de outras atividades sirvam metaforicamente de base para palavras complexas correspondentes. Um exemplo dado pela autora é *praceiro*, no português arcaico, que significa “pessoa sociável, agradável”, tomando como base metafórica a praça, um espaço de socialização.

A palavra *januarius* é uma designação para porteiro e remonta à figura de Jano, o deus responsável por todos os começos e por todas as portas. É desse deus que vem o nome do mês de janeiro. Jano é um deus tinha duas faces, uma olhando para frente, outra para trás. É essa capacidade vigilante do deus que se transporta metaforicamente para a designação do ofício, pois o porteiro é responsável por todas as entradas e as saídas.

A forma *leporarius* designa o galgo, uma raça canina. A base da construção é *lepore* (lebre), certamente por essa raça apresentar alguma característica identificada, pelos falantes, como própria das lebres, podendo ser tanto um traço da anatomia quanto, por exemplo, a velocidade que lhes é atribuída. Nesse caso, é um fluxo metafórico. Por último, *librarius* designa um “estudioso, erudito”. A base *liber, libri* é tomada metaforicamente, no entendimento do livro como uma fonte de conhecimento, compreensão que se preserva até os dias atuais.

3.3 Romeno

Para o romeno, as palavras selecionadas foram: *bivolar*, *cenusar*, *islicar*, *obrăzar* e *vispear*.

A palavra *bivolar* tem como base *bivol* (búfalo) e designa o “profissional que conduz búfalos”. Designa também um “homem grosseiro”. Esse parece ser um fluxo metonímico que toma ofícios do meio rural por aqueles que os executam. Nesse caso, há um modelo cognitivo idealizado de que a pessoa que trabalha na roça é ignorante, inculta e grosseira.

No italiano, isso acontece com a palavra *pecoraio*, que designa tanto “guardião de ovelhas” quanto “uma pessoa rude e mal-educada”. No português, o mesmo acontece com *açougueiro*, deixando de designar o profissional para designar uma “pessoa sanguinária”, no caso de profissionais de saúde, ou uma pessoa violenta e briguenta, no caso de jogadores de futebol. Em todos esses casos, selecionou-se um aspecto da cena das profissões para estender o significado da construção.

A forma *cenuşar* tem como base *cenuşă* (cinzas) e designa tanto o profissional que apanha cinzas quanto o cinzeiro (recipiente). Essa polissemia sugere um fluxo metafórico AGENTE > OBJETO, em que o profissional é metaforizado para a designação do objeto.

Na história do português, isso aconteceu com *chaveiro* e *candeeiro*, como se vê no trabalho de Simões Neto (2016). No português arcaico, o *chaveiro* designa aquele que tem a posse da chave da casa, de um convento ou de um mosteiro e passa, depois, a designar o objeto. No português contemporâneo, a palavra *chaveiro* pode ser categorizada tanto como objeto quanto como profissional que conserta fechaduras e faz cópias de chaves.

Quanto a *candeeiro*, vê-se que, também no período arcaico, tal palavra aparece com o significado de servo que segura uma vela na Casa Real. Essa

palavra designa uma profissão ainda existente em contextos rurais, o funcionário que segura a candeia para guiar a boiada. A transferência metafórica de significados AGENTE > OBJETO aconteceu ainda no português arcaico, pois ali já havia a designação para o objeto “candeeiro”, que é mais conhecida hoje.

A palavra *işlicar* tem como base *işlic*, que significa “ushanka” (chapéu russo). Entre os significados da palavra derivada, aparecem: a) o vendedor desse chapéu russo; b) o boiardo, que era um senhor feudal nos países eslavos; c) o qualificador “retrógrado”. Com relação a essa rede de significados, nota-se o uso de expressões metafóricas relacionadas à Idade Média para falar de pensamentos e comportamentos arcaicos e ultrapassados (ex: o seu método é medieval) ou, ainda, para designar espaços de poder (ex: precisamos acabar com os feudos políticos). Esse fluxo metafórico remonta a um domínio da experiência que não é compatível com a situação atual.

Em *obrǎzar*, a base é *obrǎz* (bochecha). A palavra derivada designa um tipo de máscara que cobre toda a cabeça. De forma similar com o que aconteceu com *ōrārĭum*, no latim clássico, há nessa construção uma metonímia do tipo PARTE/TODO, em que a bochecha é tomada como base para se referir a toda a cabeça.

Por último, *vispear* significa vespeiro e, assim como no português, se refere a um lugar de muito conflito. Nesse caso, há uma transferência motivada pela metáfora conceptual HOMEM É ANIMAL, muito produtiva em várias línguas do mundo.

3.4 Italiano

Para o italiano, as palavras selecionadas foram: *burattinaio*, *cestaio*, *culaio*, *formicaio* e *moscaio*.

Os significados dicionarizados de *burattinaio* sugerem que tal palavra designa inicialmente um “profissional que trabalha com fantoches”. Dessa

experiência mais concreta, há uma transferência metafórica para uma mais abstrata, e a mesma palavra passa a designar uma “pessoa manipuladora”. A compreensão metafórica de pessoas manipuladas como fantoches é produtiva tanto no português quanto no italiano.

Significados metafóricos também são vistos em *culaio*, *formicaio* e *moscaio*. Nesses três casos, a metáfora está relacionada à experiência com animais. A palavra *culaio* é usada como adjetivo para uma “pessoa irritante, inconveniente”. A origem é a designação da *mosca culaia*, assim designada por ficar importunando a parte traseira (*culo*) do *cavalo*. A experiência negativa com as moscas é o que se torna saliente na construção do significado metafórico de *moscaio*, palavra usada para designar, no primeiro momento, “conjunto de moscas” ou “lugar onde há muitas moscas”, porém, o significado se estende metaforicamente para “reunião de pessoas chatas”. Por último, vê-se uma extensão metafórica em *formicaio*, que designa tanto o “lugar ou aglomerado de formigas” quanto uma “multidão de pessoas”. Em português, faz-se a mesma compreensão com *formigueiro*.

Por último, seja analisado o significado de *cestaio*. Essa palavra designa o “ajudante do padeiro que entregava o pão em domicílios usando uma cesta”. Percebe-se, nesse caso, que a metonímia é do tipo CONTINENTE/CONTEÚDO: o continente *cesta* é tomado para evocar o conteúdo *pão*. Esse mesmo padrão metonímico acontece com *çaquiteyro*, dado do português arcaico analisado por Simões Neto (2016). O *çaquiteyro* era o “entregador de pão da Casa Real, que usava um espécime de saco”. Mais uma vez, o CONTINENTE é tomado pelo CONTEÚDO.

3.5 Francês

Para o francês, as palavras selecionadas foram: *merdier*, *moutonnier*, *négrier*, *ordurier* e *poudrière*.

Nas palavras *moutonnier*, *ordurier* e *merdier* são percebidas motivações metafóricas em relação às bases das palavras. Em *moutonnier*, a base é *mouton* (ovelha). O significado desse derivado tanto pode ser “relativo à ovelha” como “que segue cegamente aos outros, sem discernimento”. Nesse caso, a metáfora se constrói no uso de um modelo cognitivo idealizado de *ovelha* como um animal obediente, que segue as ordens de um pastor. Na Bíblia, há a expressão *Agnus Dei*, cordeiro de Deus, com essa mesma conceptualização. Em português, não raramente, em contextos religiosos-cristãos, usa-se o termo *ovelha* para se referir aos fiéis, que se adequam aos ensinamentos de um líder, o pastor.

No caso de *ordurier*, a base é *ordure*, palavra polissêmica que significa “sujeira”, tanto de um ponto de vista físico (imundícies) quanto moral (obscenidades). Essa polissemia, que parece ser estruturada por uma metáfora, se estende à forma derivada *ordurier*, que tanto significa a “pessoa que remove o lixo” quanto a “pessoa que escreve coisas obscenas”. A compreensão da sujeira no campo da moralidade norteia também a metáfora vista em *merdier*. Esse construto tanto pode ser o “lugar cheio de excrementos” quanto pode caracterizar um “bordel, casa de prostituição”.

A metáfora na formação de palavras pode envolver também eventos históricos, como é o caso da palavra *négrier*. Usada anteriormente para se referir ao cenário da escravidão, a palavra tem sido acionada para se referir a padrões com comportamentos análogos aos dos escravagistas. A base da palavra é *négre* que, segundo Koda (2016), tem sido considerada pejorativa ou racista no uso contemporâneo da língua francesa, justamente por remeter ao período colonial de exploração da mão de obra negro-africana. A forma não preconceituosa para se referir a pessoas negras em francês é *noir*. Segundo Koda (2016), a palavra *négre* não era pejorativa quando entrou na língua, mas a associação automática de pessoas negras a escravizados cria uma categorização discriminatória.

Dessa maneira, sendo a base *négre* racista, é de se imaginar que a forma derivada *négrier* também seja, justamente por se basear em uma metáfora que parte da experiência com a escravidão. Uma correspondência pode ser feita com a palavra portuguesa *denegrir*, que também tem sido categorizada como preconceituosa, por associar o negro à ideia de algo ruim, difamatório, visto que seu significado inicial era “tornar negro”.

Por último, no caso de *poudrière*, a extensão de significado parece ser metonímica. A palavra é usada para designar um estabelecimento que vende pólvora (francês: *poudre*) e outros explosivos. A pólvora é tomada metonimicamente pelo seu uso em guerras e combates. A partir disso, *poudrière* passa a ser tomada para caracterizar “regiões propensas a conflitos”, não necessariamente conflitos armados.

3.6 Catalão

Para o catalão, as palavras selecionadas foram: *arener*, *carnisser*, *faroner*, *garganter* e *porquera*.

A forma *carnisser* designa tanto o “açougueiro” quanto o qualificador de um “cirurgião desajeitado, sanguinário”. Tal polissemia é vista também por Simões Neto (2016), com *carneceyro*, do português arcaico. Isso é visto ainda na forma francesa *charcutier*, que se refere tanto ao “vendedor de carne de porco embutida” quanto ao “cirurgião desajeitado”. Em todos os casos, há uma focalização em um aspecto da atividade profissional: o contato com o sangue em demasia.

A palavra *garganter* significa “falastrão”. O catalão não dispõe da palavra *garganta*, mas possui uma série de palavras da raiz *garg-*, como *gargall*, *gargamella*, *gàrgola*, *gàrgara*, que remontam a essa ideia de conduto que se expressa no português por *gargalo* e *garganta* (conduto vocal ou alimentar). No português brasileiro, é usual a forma *garganteiro* para se referir à pessoa que fala demais,

que conta vantagens, que lança palavras de promessas, mas não as cumpre. A base metonímica da construção brasileira é a mesma da construção catalã *garganter*: a garganta pela fala.

O exemplo *porquera* pode encontrar correspondência no português também. No catalão, a forma *porquera* designa o chiqueiro, o curral dos porcos. Essa experiência é metaforizada para designar qualquer lugar em que há muita sujeira. Esse mapeamento acontece também no português, com a palavra *chiqueiro*.

A palavra *faroner* designa o “faroleiro”, profissional responsável pelos cuidados de um farol, mas pode também ser usado para qualificar uma pessoa exibida, extravagante. Esse significado ressalta um aspecto especial do farol, que é chamar a atenção. Nesse sentido, em *faroner*, a base *faró* é tomada, ao mesmo tempo, metonímica e metaforicamente.

Por fim, a definição dada a *arener* já dá conta do seu aspecto metafórico. A base é *arena* (areia). Quando se diz que *arener* é “lento no caminhar, como um navio excessivamente pesado”, projeta-se um navio cheio de areia, pesado e que, por isso, navega vagarosamente. Essa experiência passa a ser usada metaforicamente para qualificar outras entidades, como pessoas, animais e automóveis que se movem lentamente.

3.7 Espanhol

Para o espanhol, as palavras selecionadas foram: *alacranero*, *barriobajero*, *grillera*, *morcillero* e *teatrero*.

A palavra *alacranero* toma como base *alacrán*, que significa “escorpião ou lacrau”. O derivado *alacranero* indica lugar onde há escorpiões ou, ainda, um conjunto deles. Por meio da metáfora HOMEM É ANIMAL, *alacranero* é usado para caracterizar um lugar onde há pessoas causadoras de intrigas e inescrupulosas. No português brasileiro, a equivalência seria a expressão *ninho*

de cobra. No geral, a conceptualização parte de um modelo cognitivo idealizado do comportamento de animais peçonhentos como traiçoeiros.

A metáfora *HOMEM É ANIMAL* orienta também a rede de significados de *grillera*, que significa tanto a toca onde os grilos se abrigam quanto um lugar onde todo mundo fala ao mesmo tempo e ninguém se entende. Essa metáfora parte da categorização idealizada do grilo como um animal barulhento, visto que ele é tido como o inseto que emite o som mais alto. Assim, a *grillera* é idealizada como um lugar com muitos grilos estridulando ao mesmo tempo.

Experiências cotidianas de moradia, alimentação e atividade profissional norteiam as redes semânticas de *barriobajero*, *morcillero* e *teatrero*. A forma *barriobajero* tem como base *barrio bajo*, uma designação para periferia de centros urbanos ou favelas. O adjetivo *barriobajero* pode ter caráter relacional (relativo à periferia), mas pode acionar também uma categorização metonímica (preconceituosa, diga-se de passagem) em que o morador da favela é tomado como mal-educado, grosseiro e sem educação¹¹.

Os casos de *morcillero* e *teatrero* estão relacionados à experiência com atuação. O derivado *morcillero* tem como base *morcilla*, uma variedade de chouriço, podendo ser usado para designar a pessoa que faz ou vende esse produto, e, também, para caracterizar metaforicamente um ator que adiciona falas próprias a um texto que está encenando. Em português brasileiro, dir-se-ia que fulano está *enchendo linguíça*. Já *teatrero* envolve a conceptualização metafórica de que o teatro é um espaço em que se faz cena. Assim, o *teatrero* pode ser usado para se referir a uma pessoa escandalosa, histérica e que gosta de chamar a atenção.

¹¹ No português brasileiro, uma correspondência pode ser feita com a palavra *suburbano*, que tanto se refere ao morador do subúrbio quanto a uma pessoa de mau gosto e pouco refinada (HOUAISS; VILLAR, 2009).

3.8 Galego

Para o galego, as palavras selecionadas foram: *cazoleiro*, *chaqueteiro*, *faldreiro*, *grileiro* e *rateiro*.

A metáfora *HOMEM É ANIMAL* é uma das motivações presentes nas redes semânticas de *grileiro* e *rateiro*. De maneira muito similar com o que acontece com o espanhol *grillera*, em *grileiro*, os sons emitidos pelo grilo parecem motivar o significado de “pessoa muito estridente e vivaz”. Em *rateiro*, o modelo cognitivo idealizado de *rato* como um animal que rouba (pouca) comida é usado para caracterizar o *rateiro* como uma pessoa que rouba coisas de pouco valor.

Metonímias e metáforas a partir de peças de roupa aparecem em *chaqueteiro* e *faldreiro*. Em *chaqueteiro*, a base é *chaqueta* (jaqueta). A cena de troca de roupa é usada para tratar de mudança de opinião de maneira conveniente. Assim, um *chaqueteiro* é uma pessoa que muda de opinião como quem muda de roupa, a depender dos seus interesses. A palavra *chaqueta*, nesse caso, é tomada metonimicamente dentro da categorização de roupa. Seria uma forma galega para falar de um *vira-casaca*, como se usa no português.

No caso de *faldreiro*, a base é *faldra* (saia). Um homem chamado de *faldreiro* é um homem mulherengo. Assim, a *faldra* é o mecanismo metonímico usado para ativar o conhecimento de mulher. Em comparação com o português, esse mesmo *frame* estaria no composto sintagmático *rabo de saia*: um homem mulherengo é aquele que não pode ver um rabo de saia.

A relação com as mulheres aparece também em *cazoleiro*, que tem como base *cazola* (caçarola). Um homem chamado de *cazoleiro* é aquele que costuma se intrometer em assuntos que são tipicamente atribuídos às mulheres. Na mesma rede de significados de palavras, há as noções de “pessoa que fabrica caçarolas” e “pessoa que gosta de se aventurar na cozinha”. Quando passa a designar o homem que se intromete em “assuntos de mulher”, isso provavelmente se deve

a um modelo cognitivo idealizado de *mulher* como uma pessoa responsável pela cozinha.

3.9 Português

Para o português, as palavras selecionadas foram: *aceiro*, *cegueira*, *lixreira*, *meleira* e *raposeiro*.

Na palavra *aceiro*, a base *aço* é usada tanto para formar adjetivos de caráter relacional (próprio do aço) quanto para designar o “profissional que trabalha com aço”. Além disso, a rigidez do *aço* é usada metaforicamente para caracterizar uma “pessoa forte e resistente”.

Também de natureza metafórica é o caso de *cegueira*, que serve tanto para nomear a privação do sentido da visão quanto para caracterizar uma falta de discernimento e lucidez, deslumbramento e obsessão. Há, nesse caso, uma metáfora em que se parte de uma experiência mais física para uma mais psicológica.

A rede semântica de *lixreira* aciona também um procedimento metafórico. A experiência com o recipiente que comporta o lixo e reúne toda a sujeira é tomada metaforicamente para conceituar um ambiente sórdido. Essa categorização do comportamento sórdido e inescrupuloso aparece como algo sujo nas outras línguas românicas.

A metáfora *HOMEM É ANIMAL* norteia o comportamento semântico de *raposeiro*, palavra usada para caracterizar uma pessoa maliciosa e astuta. Essa concepção metafórica advém de um modelo cognitivo idealizado da *raposa* como um animal esperto. Na língua portuguesa, há também a expressão *raposa velha*, um composto sintagmático que comprime a ideia da esperteza, advinda da raposa, e da experiência, advinda da velhice.

Por fim, em *meleira*, a consistência do *mel*, que está na base desse derivado, é ressaltada na ideia de *meleira* como sujeira, indo além do significado de *meleira*

como excesso de mel. Nesse contexto, o fato de haver focalização e intensificação da base *mel* caracteriza um processo metonímico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma discussão acerca da herança semântica nas palavras morfológicamente complexas. Esse aspecto, ainda pouco explorado na literatura, se mostra bastante produtivo nas línguas, merecendo uma maior atenção. O tratamento da herança semântica permite descrever de maneira menos genérica e simplista as questões de significado na formação de palavras. Por meio do paradigma teórico da Linguística Cognitiva, foi possível sistematizar as operações semânticas que podem repercutir nas operações morfológicas.

Os dados do latim e das línguas românicas permitiram observar a recorrência de padrões metonímicos, tais como PARTE/TODO, CONTINENTE/CONTEÚDO, PRODUTOR/PRODUTO, e de padrões metafóricos como, por exemplo, HOMEM É ANIMAL. No Quadro 2, apresenta-se uma sistematização dessa metáfora nas línguas românicas analisadas.

Quadro 2: Metáfora HOMEM É ANIMAL nas línguas românicas

Línguas	Palavras	Significados literais	Significados metafóricos
ROM	<i>vispear</i>	Vespeiro	Lugar de muito conflito
ITA	<i>moscaio</i>	Lugar cheio de moscas	Reunião de pessoas chatas
FRA	<i>moutonnier</i>	Relativo a ovelhas	Alguém que segue cegamente aos outros
CAT	<i>porquera</i>	Chiqueiro	Lugar muito sujo
ESP	<i>alacranero</i>	Lugar cheio de escorpiões	Lugar com pessoas inescrupulosas
GAL	<i>rateiro</i>	Animal que é bom caçador de ratos	Pessoa que rouba coisas de pouco valor
POR	<i>raposeiro</i>	[A base é <i>raposa</i>]	Indivíduo manhoso, ardiso, astuto

Fonte: Simões Neto (2020, p. 631).

Ainda que as línguas analisadas sejam aparentadas, e que a presença de alguns padrões de conceptualização possa ser explicada pela via histórica, há aspectos que estão em uma dimensão maior e mais geral. Sobre a METÁFORA *HOMEM É ANIMAL* nessas construções, cabe dizer que Kövecses (2010) considera que essa seja uma das metáforas mais presentes nas línguas, junto com *TEMPO/ESPAÇO*. O contato entre o ser humano e os animais é de natureza básica, por isso essas construções metafóricas aparecem em tantas línguas. O que diferencia uma língua da outra é a experiência acionada na conceptualização.

Diante disso, pode-se dizer, seguramente, que a análise da herança semântica das palavras morfológicamente complexas é também uma forma de compreender padrões de pensamento e relações entre categorização e linguagem. Espera-se que este artigo motive novas pesquisas nessa vertente.

REFERÊNCIAS

- ALVARO, P. T. Até: de preposição a operador escalar. In: ALMEIDA, Maria Lucia et al. (Org.). *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 107-120.
- BASÍLIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-14, dez. 2010.
- BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Form and meaning in morphology: the case of Dutch agent nouns. *Linguistics*, n. 24, p. 503-517, 1986.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (Ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- BOTELHO, L. S. *Construções agentivas em X-eiro, uma rede metafórica*. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2004.

-
- CASTRO DA SILVA, C. C. *A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva*. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CORBIN, D. Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: DRESSLER, W. U. et al. *Contemporary morphology*. New York: Mouton de Gruyter. 1990. p. 43-59.
- CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1987.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. et al. Para uma estrutura radial das construções X-ão do português do Brasil. In: ALMEIDA, M. L. L. de; et al. (Org.). *Linguística Cognitiva em Foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 141-156.
- GONÇALVES, C. A. V.; YACOVENCO, L. C.; COSTA, R. R. Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 42, 1998, p. 33-62.
- JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, Washington, D.C., v. 51, n. 3, 1975, p. 639-671.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: A. Ortony (Ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].
- LANGACKER, R. *Essentials of Cognitive Grammar*. Oxford: OUP, 2013.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: University Press, 1987.
- LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA DOS SANTOS, E. (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.
- RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- SALOMÃO, M. M. M. *Construções no Português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. Projeto Integrado de Pesquisa. Juiz de Fora: UFJF, 2003.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997a.

-
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997b.
- SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-3394, 2018.
- SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. 2020. 5 v. 4297 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SOLEDADE, J. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. *Livro em homenagem aos 50 anos da edição do Livro das Aves*. 2020. [no prelo].
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 345-378.
- SOUZA, J. L. de. Formas livres e formas presas: um clássico revisitado com olhar cognitivista. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan-jun de 2016, p. 131-146.

DICIONÁRIOS CONSULTADOS

- BUESCU, V. *Dicionário romeno-português*. Porto: Editora Porto, 1977.
- DICTIONARE ALE LIMBII ROMÂNE. Disponível em: < <https://dexonline.ro/>>. Acesso em 21 de agosto de 2018.
- DRIVAUD, M-H. (Org.). *Le Nouveau Petit Robert De La Langue Francaise 2014*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2013.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 6. tir. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS. *Diccionari de la llengua catalana*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2007.
- NIERMEYER, J. F. *Midiae Latinatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1976.
- PORTO EDITORA. *Dicionário Latim-português*. 4 ed. Porto: Editora Porto, 2012.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2012.
- REAL ACADEMIA GALEGA. *Diccionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega, 2012.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli 2008: Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2007.

O AUTOR E O PPGLinC

Natival Almeida Simões Neto

É mestre (2016) e doutor (2020) na área de Linguística Histórica, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo sido orientado pela professora doutora Juliana Soledade. Recebeu bolsa Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia no mestrado e no doutorado. Atualmente, está como professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade Federal Bahia. Além disso, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 28 de dezembro de 2020.